



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

JACKELINE DE OLIVEIRA MOURA

A LÍNGUA LATINA, O PORTUGÊS BRASILEIRO E A VARIAÇÃO LÍNGUÍSTICA
A PARTIR DOS METAPLASMOS.

CAJAZEIRAS – PB

2023

JACKELINE DE OLIVEIRA MOURA

**A LÍNGUA LATINA, O PORTUGÊS BRASILEIRO E A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA
A PARTIR DOS METAPLASMOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras – como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS – PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

M929l Moura, Jackeline de Oliveira.
A língua latina, o português brasileiro e a variação lingüística a partir dos metaplasmos / Jackeline de Oliveira Moura. – Cajazeiras, 2023.
45f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023.

1. Língua latina - Origem. 2. Língua Portuguesa-formação. 3. Variação lexical. 4. Latim vulgar. 5. Formação do Português. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Título.

UFCG/CFP/BS CDU – 811.124

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

JACKELINE DE OLIVEIRA MOURA

**A LÍNGUA LATINA, O PORTUGÊS BRASILEIRO E A VARIAÇÃO LÍNGUÍSTICA
A PARTIR DOS METAPLASMOS.**

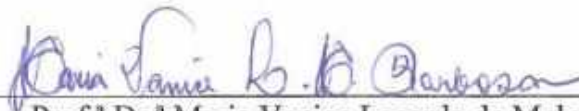
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – Campus de
Cajazeiras – como requisito de avaliação para
obtenção do título de licenciado em Letras.
Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.

Aprovado em: 17/11/2023

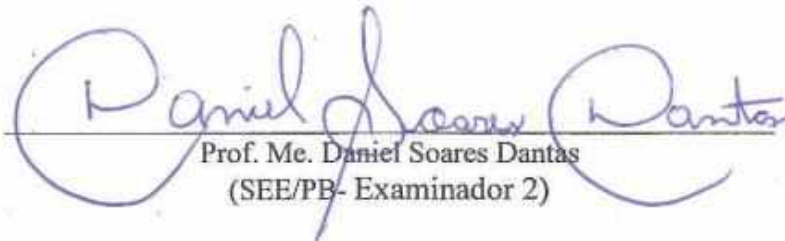
Banca Examinadora:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof.^a Dr.^a Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 1)



Prof. Me. Daniel Soares Dantas
(SEE/PB- Examinador 2)

A Deus, a razão da minha existência;

A meus pais Arimateia e Cida, minha fonte de
inspiração;

E a minha irmã Karoline, meu grande apoio

Assim, **dedico**.

AGRADECIMENTOS

À Bíblia sagrada, no livro de Tessalonicenses cap. 5 e vers. 18 nos diz que em tudo devemos dar graças, em outras palavras, isso nos permite dizer que por todas as coisas devemos ser gratos! O ato de gratidão nos permite leveza em nossa vida, além de atrair uma infinidade de coisas boas, como disse meu orientador Abdoral em algumas orientações.

Desta forma, este é um dos momentos no qual exercerei minha gratidão! Sou grata primeiramente a Deus por sua bondade e amor, por me sustentar e conceder forças para concluir mais essa jornada, sabendo eu, que todas as coisas acontecem por meio Dele e para Ele.

Grata aos meus pais Arimateia e Cida por todas as orações, e por além de pais, serem meus melhores amigos e os maiores apoiadores do meu crescimento e dos meus sonhos.

À minha irmã e melhor amiga Karoline que me ajudou, e contribuiu para que tudo se tornasse o mais leve possível, me incentivando, me animando, e estando comigo em meus altos e baixos, não me permitindo desistir.

Aos meus tios Wellington e Adriana por celebrarem a notícia do processo seletivo junto comigo, além de vibrarem a cada passo rumo a mais uma conquista. A eles sou grata também pelas orações, por todo apoio e incentivo.

Ao meu melhor amigo e amor Ruben, por toda paciência, por ser meu porto seguro e apoio, me compreender, além de não me deixar desistir, me lembrando todos os dias da minha capacidade.

Às minhas amigas Alanaiza, Hellen, Lahrra, Michele e Raquel que considero presentes da UFCG, com as quais tive a oportunidade de compartilhar momentos incríveis, com incontáveis risos tornando os dias leves.

Ao Prof. Esp. Abdoral por prontamente aceitar o convite como orientador, por todas as conversas tranquilas e enriquecedoras, por sua gentileza e dedicação, e por todos os sábios conselhos que servirão para a vida.

Aos meus professores por todo empenho e dedicação, por todo aprendizado adquirido, tanto pessoal como profissional.

Ao meu amigo Manoel, o grande incentivador da minha vida acadêmica desde o início, e por sua maravilhosa amizade, proporcionada pelo “terceirão”.

À minha amiga Josilene por todas as orações, conversas e conselhos. Ao meu amigo Júnior companheiro de ônibus, por deixar a trajetória até Cajazeiras divertida e enriquecedora com seus conselhos. Ao meu amigo Vitor pelas incontáveis cobranças do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), por todas as brincadeiras e incentivos.

E a mim pela insistência, força e coragem, pois sei que mesmo com todo apoio que recebi, só seria possível concluir esta jornada se em meu coração houvesse essa determinação.

RESUMO

O presente trabalho busca observar a formação do léxico português desde a sua origem, o latim. Compreendendo as variações diacrônicas, a partir dos metaplasmos. Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral: investigar a partir dos metaplasmos o processo de variação lexical. E para alcançá-los, temos os seguintes objetivos específicos: descrever como se deu o processo de formação do léxico português a partir da língua latina e sua expansão por toda a Península; apresentar as variações linguísticas e os metaplasmos, observando a formação etimológica das palavras; e contribuir com o ensino de língua portuguesa, a partir do percurso histórico da língua. Para tanto, a base teórica utilizada foi Gonçalves e Basso (2010), Assis (s.d.) e Bortoni-Ricardo (2021) no que diz respeito à história da língua portuguesa, Ilari e Basso (2021) com a variação linguística, Bagno (2007) que apresenta discussões a respeito da gramática histórica por meio dos metaplasmos, além de outras contribuições de Bagno (2009) e Bagno (2015) sobre a variação linguística e preconceito linguístico, e por fim, com orientações sobre o ensino da língua a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018). A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, pois foram consultados materiais escritos, como livros, além disso, a pesquisa possui caráter explicativo, visto que o objetivo é explicar a razão sobre o conceito de certo e errado na língua. Como resultado apresentamos uma reflexão sobre o ensino de língua contextualizado que contemple as variações lexicais.

Palavras-chave: Língua Latina. Língua Portuguesa. Variação Lexical. Ensino.

ABSTRACT

This paper analyzes the formation of the Portuguese lexicon from its Latin origins. The aim is to understand the factors that have contributed to the Portuguese language having lexical varieties. In this sense, the general objective of this research is to show that the Portuguese language is rich in variations, and to understand how metaplasms contribute to understanding lexical variation. To this end, we have the following specific objectives: to analyze how the Portuguese lexicon was formed from the Latin language and its expansion throughout the Peninsula, to present linguistic variations and metaplasms, observing the etymological formation of words, and to contribute to the teaching of the Portuguese language, based on the historical course of the language. To this end, the theoretical basis used was Gonçalves and Basso (2010), Assis (s.d.) and Bortoni-Ricardo (2021) with regard to the history of the Portuguese language, Ilari and Basso (2021) with linguistic variation, Bagno (2007) who presents discussions on historical grammar through metaplasms, in addition to other contributions by Bagno (2009) and Bagno (2015) on linguistic variation and linguistic prejudice, and finally, with guidelines on language teaching the National Common Curriculum Base - BNCC (Brazil, 2018). The methodology used was bibliographical research with a qualitative approach, since written materials such as books were consulted.

Keywords: Latin language. Portuguese Language. Lexical variation. Teaching

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Mapa da Roma Antiga que mostra a região de Lácio na Itália.....	13
Figura 2	- Mapa da expansão de Roma na Península Itálica.....	14
Figura 3	- Mapa da divisão do império romano: ocidente e oriente.....	15
Figura 4	- Características do Latim Clássico e o Latim Vulgar.....	18
Figura 5	- Divisão da Hispânia Ulterior e Hispânia citerior.....	21
Figura 6	- Mapa do Império romano e suas províncias.....	22
Figura 7	- Mapa do processo de Reconquista.....	23
Figura 8	- Testamento de Afonso II.....	25
Figura 9	- Cantiga: Ribeirinha – Paio Soares de Taveiró.....	26
Figura 10	- Exemplo de Palatização.....	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	-	Base Nacional Comum Curricular
CFP	-	Centro de Formação de Professores
LC	-	Latim Clássico
LL	-	Língua Latina
LP	-	Língua Portuguesa
LV	-	Latim Vulgar
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UFCG	-	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ORIGEM DA LÍNGUA LATINA	14
2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O LATIM CLÁSSICO E O LATIM VULGAR	18
3 FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA PENÍNSULA IBÉRICA	22
4 FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	30
4.1 METAPLASMOS	33
5 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE VARIAÇÃO LEXICAL.....	37
5.1 ENSINO CONTEXTUALIZADO DE LÍNGUA PORTUGUESA	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

A língua é uma entidade viva e, por isso, passa por mudanças constantemente para que possa ter êxito quanto a sua função (a comunicação entre os indivíduos). No processo evolutivo da língua portuguesa, doravante (LP), alguns fatores contribuíram para a mudança, como: fatores geográficos, mistura de etnias, costumes, diversificação e principalmente o tempo.

Desta forma, o Latim passou por transformações, do latim clássico, doravante (LC) e o latim vulgar, doravante (LV), para o galego-português, e, por fim, o português como é conhecido hoje. Fato é que, desde a sua origem, a língua passa por mudanças e, conseqüentemente, surgem as variações, tendo em vista a necessidade dos falantes se adaptarem, dependendo da localidade, do grau de instrução, dentre outros fatores.

Ao observar a necessidade que a língua tem de estar em uma constante evolução, surgem cada vez mais formas de falares, o que traz à tona pensamentos acerca de certo e errado. Desta forma, pode-se compreender que existem explicações para o falar de cada indivíduo e para cada variação existente na língua, e que muitas das vezes aquilo que é considerado erro por alguns, trata-se de um processo de transformação e de usos da língua que podem estar ocorrendo, ou que já ocorreram e que deixaram sua marca.

Por isso, a necessidade do estudo diacrônico da língua, já que a língua foi transformando-se com o decorrer do tempo, e nesse tempo ocorreram diversas mudanças chamadas de metaplasmos, já que ambos exerceram influência sobre a formação do léxico português, explicando muitas das variações linguísticas existentes.

Nessa perspectiva, traçamos os seguintes objetivos apresentados, a saber: investigar a partir dos metaplasmos o processo de variação lexical, como objetivos específicos: analisar como se deu o processo de formação do léxico português a partir da língua latina (LL) e sua expansão por toda a Península; apresentar as variações linguísticas e os metaplasmos, observando a formação etimológica das palavras; e contribuir com o ensino de LP, a partir do percurso histórico da língua.

Para isso, a pesquisa está fundamentada nos estudos de Gonçalves e Basso (2010) e Assis (s.d.) no que se refere ao percurso da língua portuguesa e sua expansão, Bortoni-Ricardo (2021) no que também diz respeito à história da LP e à variação linguística, Bagno (2007) que apresenta discussões a respeito da gramática histórica por meio dos metaplasmos, além de outras contribuições de Bagno (2009, 2015) sobre a variação linguística, preconceito linguístico e a defesa do que “não é errado falar assim!”, e, por último, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) com orientações sobre o ensino da língua.

Nesse sentido, para a construção desta pesquisa, utilizamos a pesquisa bibliográfica, pois tem caráter pessoal com base em uma experiência pessoal acerca das diferentes pronúncias do nordestino e do paulista, e, por se apoiar em documentos impressos como livros e artigos, que colaboraram e foram fundamentais para ampliação dessa pesquisa. A abordagem é qualitativa, pois segundo Rodrigues e Limena (2006) a pesquisa qualitativa visa analisar problemas que não envolvem dados estatísticos.

Segundo Lakatos e Marconi (2007) as definições corretas acerca do vocabulário contribuem para que haja uma melhor compreensão da realidade observada, desta forma, o estudo realizado também é explicativo, pois, pretende identificar as questões que contribuíram para o processo evolutivo da LP.

A escolha do presente tema ocorreu no decorrer das aulas da disciplina de História da Língua Portuguesa. A escolha pela análise de vocábulos do cotidiano do nordestino paraibano comparado a de um falante paulista da região metropolitana, partiu de uma experiência pessoal, e de conhecimentos adquiridos no decorrer das aulas, em que foi possível compreender que cada palavra possui uma historicidade, e que as variações não são apenas erros.

A presente pesquisa está estruturada em cinco capítulos: o primeiro é a introdução com os objetivos metodologia e fundamentação teórica, o segundo capítulo discorrendo sobre a origem latina e breves considerações das variações do latim, o clássico e o vulgar. O terceiro capítulo trata da chegada dos romanos à Península Ibérica e seu percurso de expansão até chegar a Portugal, juntamente com os textos antigos escritos em galego-português. O quarto capítulo será abordado sobre a chegada dos portugueses ao Brasil e o ensino de língua realizado pelos jesuítas, além de abordar brevemente sobre os tipos de variação linguística e os metaplasmos responsáveis pela formação do léxico português. No quinto capítulo, partimos para a análise de algumas palavras do cotidiano do paraibano e do paulista, a partir dos metaplasmos, que se justifica em uma experiência pessoal. Além de trazer uma sugestão para o ensino de LP. E por último, as considerações finais em que apresentamos as contribuições da pesquisa para a compreensão das variações lexicais.

2 ORIGEM DA LÍNGUA LATINA

Segundo Bortoni-Ricardo (2021), a LP é uma língua desenvolvida tardiamente no final do Império Romano, que teve sua origem na Itália, na região denominada Lácio, um distrito à margem do rio Tibre (Figura 1), e chegou até o território Ibérico por meio das conquistas romanas a partir do século III a.C., foram através das conquistas dos romanos, que o processo de expansão da língua latina originou a língua portuguesa.

Nesta região, podemos observar que os latinos se situavam no centro da península, em pequena região chamada de Lácio, entretanto outros povos habitavam a região, como demonstra o mapa abaixo, com línguas e culturas diferentes, dentre esses povos, os mais importantes são os etruscos, os umbros, os oscos e os gregos. Vale ressaltar que mesmo os romanos habitando uma área reduzida da península conseguiram, a partir do século III a.C., iniciar um processo de expansão que se estende até o século III d.C., tornando-se um dos maiores impérios em extensão territorial.

Figura 1 - Mapa da Roma Antiga que mostra a região de Lácio na Itália



Fonte: Isabel Aguiar (2017).¹

No mapa acima, podemos ver como se encontrava a Roma antiga, nas cores verdes a Itália do norte, nas cores laranjas a Itália central, nas cores amarelas a Itália do sul, e na vermelha a Itália insular. Como podemos observar a região do Lácio se encontra na região da Itália

¹ Disponível em: <https://profisabelaguiar.blogspot.com/2017/12/roma-antiga.html>. Acesso em: 07 nov. 2023.

central, nas cores alaranjadas, e exatamente nessa região que se encontram os Latinos, e desta pequena área se expandiram.

A LL falada em Roma, aos poucos, se expandiu, juntamente com as conquistas dos territórios que ocorreram a partir do século III a.C. Desde a fundação de Roma ocorrida em 753 a.C. até 509 a.C., a forma de governo foi a monarquia. Logo depois, o período republicano de 509 a.C. até 27 d.C., que foi o período marcado por conflitos internos e lutas de poder, levando a uma série de guerras civis, nesse período, Roma expande o seu território, domina vários povos não só militarmente, mas também culturalmente.

E, posteriormente o período considerado imperial, que dura aproximadamente de 27 d.C. até 476 d.C. quando o império do ocidente cai. Nesse período, o império foi dividido em dois: Ocidental cuja capital é Roma e Oriental, cuja capital é Constantinopla, em homenagem a Constantino. A parte oriental do império sobreviveu até 1453. Esses períodos da história romana permitem entender a evolução da língua, e como ocorreu a extensão da língua, que segundo Gonçalves e Basso (2010, p. 31-32), “o latim estendeu-se por grande parte da Europa, pelo norte da África e por diversas regiões da Ásia, até se transformar, através do curso natural das línguas, em dialetos incompreensíveis entre si, que acabaram dando origem às línguas românicas”.

Conforme o império romano expandia sua extensão territorial (Figura 2), o latim também se modificava em contato com os novos povos e as novas culturas, resultando no surgimento das línguas românicas. A expansão fez com que o domínio não acontecesse somente no interior da Península Itálica, do ponto de visto militar, mas também ocorreu do ponto de visto linguístico, de maneira paulatina, começando na península Itálica se estendendo até a Grécia e, posteriormente, chegando a outras regiões como à Península Ibérica.

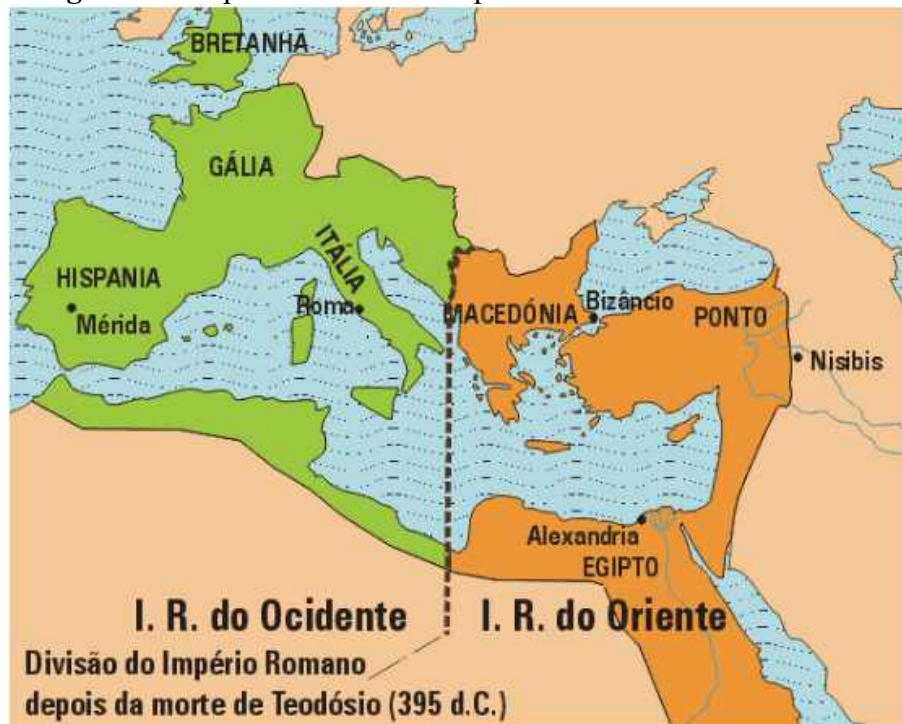
Figura 2 - Mapa da expansão de Roma na Península Itálica



Fonte: Imagens *Google* (2023).²

No século II d.C., o império romano atingiu sua extensão territorial máxima, e por se tornar um império grandioso, no ano de 395 d.C. foi dividido em duas partes: a capital Romana no ocidente, e no oriente a capital Constantinopla (Figura 3).

Figura 3 - Mapa da divisão do império romano: ocidente e oriente



² Disponível em: <https://antoniocv.files.wordpress.com/2015/10/img23.jpg>. Acesso em: 07 nov. 2023.

Fonte: Imagens *Google* (2021).³

Como observado no mapa, esta divisão nos permite perceber como ficou a divisão do Império Romano no Ocidente e no Oriente, a região do Ocidente dividida em três partes Hispânia, Gália, Itália e Bretanha, já no Oriente após a divisão temos a Macedônia, Ponto e o Egito.

Essa divisão do Império Romano só ocorre depois da morte de Teodósio em 395 d.C., que foi o último imperador a governar tanto a parte oriental quanto a parte ocidental de forma unificada, assim, logo após a sua morte, o império foi dividido entre seus dois filhos: Acádio no Oriente e Honório no Ocidente, e essa divisão foi resultado de uma série de razões políticas, econômicas, sociais e militares que se acumularam ao longo do tempo.

O Império Romano alcança sua extensão territorial máxima por meio das guerras púnicas, tornando-se um Império grandioso, porém, em 476 d.C. o Império do Ocidente entra em declínio e chega ao fim. No entanto o Império Romano do Oriente sobreviveu até 1453, como mencionado anteriormente, e mesmo perdurando por um período mais extenso, o latim não conseguiu estabelecer sua supremacia linguística, pois naquela área o grego era a língua predominante, inclusive adotada pela Igreja Católica.

A queda do Império Oriental, ocasionou uma grande crise econômica, possibilitando que houvesse invasões, que geraram o fim da expansão territorial, e enfraqueceram o domínio antes conquistado. Mesmo com a queda do império romano, os povos que invadiram a Península Ibérica não conseguiram impor-se do ponto de vista religioso e linguístico, e por isso o Latim continuou sendo a língua utilizada por esses povos, em outras palavras, esses povos adotaram o Latim e a religião cristã.

Desta forma, o Latim torna-se um importante idioma, utilizado em documentos oficiais, transações comerciais e como língua oficial da Igreja Católica. Desta forma, pode-se compreender que sua influência não ocorreu somente na época de alcance da extensão territorial do Império Romano, mas, se estende até a contemporaneidade.

Considerando a expansão territorial do império Romano que aconteceu nesse período, principalmente a partir do século III a.C., o Latim pode ser dividido em duas variedades: o clássico e o vulgar. O clássico era o Latim utilizado no período do século I a.C. até o século I d.C., principalmente para a escrita de obras literárias, como é o caso da “Eneida” escrita por

³ Disponível em: <https://romapravoce.com/imperio-romano-do-ocidente-oriente-divisao/>. Acesso em: 07 nov. 2023.

Virgílio, e outros poetas que também fizeram parte desse período como Horácio, Ovídio, César e Tito Lívio.

No entanto, também existia outra variedade, o LV, utilizado e falado pelo povo que não dominava a escrita, o que proporcionou o surgimento das línguas neolatinas, e as obras desse período passaram a ser escritas dessa variedade, principalmente a partir do século V d.C. que tratavam de política, sociologia, filosofia e obras religiosas.

É notório que o latim trilhou um longo percurso evolutivo, principalmente para que se sobrepusesse às línguas nativas, tendo em vista que as línguas românicas foram resultado das transformações do LV, pois era a modalidade falado pelos soldados, comerciantes e por pessoas que não dominavam a escrita, esse processo de interação resultou nas línguas românicas.

Desse modo, é possível ver que essa língua utilizada diariamente por pessoas comuns em seus momentos de interação, são conhecidas hoje como: o português, o espanhol, o francês, o italiano, o romeno, o sardo, o reto-românico, os occitanos, o catalão e o galego.

2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O LATIM CLÁSSICO E O LATIM VULGAR

Conforme Roma se expandia territorialmente, o latim cada vez mais se diversificava e se transformava através do contexto de uso. E com o decorrer do tempo o latim passa a ter dois aspectos: o clássico e o vulgar, também denominados como *sermo urbanus* e *sermo vulgaris*, esses dois aspectos nos permite observar como a língua latina se transformava, principalmente no latim vulgar, o que logo após o seu contato com diversos povos, originou o galego-português e por fim, o português.

O LC era a língua no seu aspecto literário, como Assis (s.d) destaca “[...] era a língua literária, conservadora e resistente às inovações, que buscava a correção gramatical e estilística; caracterizava-se pelo apuro do vocabulário e pela elegância do estilo.”, ou seja, era a língua utilizada pela elite que dominava a escrita, pelas escolas, e em obras de grandes escritores latinos, e por isso apresentava uma rigidez maior, um vocabulário mais elaborado, em outras palavras era polida e requintada.

Já o LV chamado pelos romanos de *sermo vulgaris*, abrange a língua na sua variedade, muito utilizada pelo povo sem a preocupação com a correção gramatical. O LV era o instrumento de comunicação diário entre os indivíduos, como afirma Coutinho (2011, p. 30):

A estas pertenciam os soldados (milites), os marinheiros (nautae), os artífices (fabri), os agricultores (agricolae), os barbeiros (tonsores), os sapateiros

(sutores), os taverneiros (caupones), os artistas de circo (histriones), etc., homens livres e escravos, que se acotovelavam nas ruas, que se comprimiam nas praças, que frequentavam o fórum, que superlotavam os teatros, a negócios ou em busca de diversões, toda essa gente, enfim, que, se passara pela escola, dela só conservara os conhecimentos mais necessários ao exercício da sua atividade.

A partir dessa visão do autor, é possível caracterizar ou identificar que esse LV, era de fato falado pela maior parte da população Romana, como por exemplo pelos soldados, marinheiros, agricultores, barbeiros, sapateiros, artistas e entre outros, que levam esse Latim para as cidades conquistadas e dominadas como no caso da Península Ibérica. Isso justifica que o Português e as outras línguas neolatinas se originam não do LC, mas do LV.

Segundo Bagno (2007), o LC e o LV embora sendo a mesma língua, os dois aspectos apresentam diferenças. Na língua sintética, é caso do latim, na qual as funções sintáticas das palavras eram expressas por meio de desinências de seis casos (nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo), além dos seis casos apresentava ordem inversa, cinco declinações (ae, i, is, us, ei) e três gêneros (masculino, feminino e neutro).

A terminação ou desinência variava conforme a função sintática da palavra em questão. Assim, o latim é considerado declinável, pois a indicação da função sintática não dependia da posição das palavras na frase, mas sim das terminações que correspondiam aos diferentes casos, como no exemplo: *Deus hominem diligit* – Deus ama o homem, mesmo que houvesse um troca na posição das palavras, *Hominem Deus diligit*, a função sintática continuaria a mesma.

Conforme veremos a seguir, o LC tinha declinações que eram distribuídas em cinco grupos e a sua função sintática era determinada por seis casos, diferentemente do LV em que as declinações se reduziram a três e os casos a dois. Ambas as línguas não se diferenciavam por causa do seu período histórico, pois se desenvolveram de acordo com o contexto de uso.

Quadro 1 - Características do Latim Clássico e do Latim Vulgar

LATIM CLASSICO	LATIM VULGAR
✓ Cinco declinações	Três declinações
✓ Quatro conjugações	Três conjugações
✓ Seis casos	Dois casos, um caso
✓ Três gêneros	Dois Gêneros
✓ Passiva sintética	Passiva analítica
✓ Ordem inversa	Ordem direta
✓ Parcimônia de preposições	Largo uso de preposições
✓ Sintetismo	Analitismo
✓ Acento de quantidade	Acento de intensidade
✓ Formas verbais depoentes	Formas verbais ativas

Fonte: Bagno (2007).⁴

Ao observarmos a tabela, é perceptível que há diferenças, principalmente no que diz respeito às reduções. No LC temos cinco declinações: I - ae, II – i, III – is, IV – us, V – ei, porém no LV observamos a redução para três declinações, a razão pela qual ocorreu a redução, foi devido às semelhanças que existiam entre as desinências, desta forma a 4ª e 5ª declinação foram incorporadas à 1ª e a 2ª declinação. A maioria dos nomes da 5ª foram para 1ª declinação, e a sua minoria foram incorporados à 3ª declinação, e o nomes da 4ª incorporaram-se somente à 2ª declinação.

No que diz respeito aos casos, no LC eram divididos em seis, o nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo, mas com o passar do tempo esses seis casos foram reduzidos a dois o nominativo e o acusativo, em outras palavras o sujeito e o objeto. Segundo Coutinho (2011), posteriormente, os dois casos existentes, ainda foram reduzidos a um caso, porém seria um caso mais sintático do que fonético.

Um ponto relevante na formação do léxico é o desaparecimento do gênero neutro, no LC temos a presença de três gêneros o masculino, o feminino e o neutro, porém no LV vemos a redução a somente dois gêneros, o masculino e feminino, o que se assemelha a LP.

Assim, é possível notar que o LV sempre buscou uma forma de melhorar o alcance da compreensão na comunicação dos indivíduos, sempre esteve disponível às diversas variedades linguísticas, o que se difere do LC que permanecia estável com relação às modificações. Como exemplo, temos as frases *Liber Petri* (LC), *Libro de Petru* (LV), e *O livro de Pedro* (LP), a flexibilidade quanto à variedade do LV, permite-nos entender como se deu a formação do nosso idioma atual.

⁴ Disponível em: <https://anaygens.files.wordpress.com/2011/07/imagem1filologia.png>. Acesso em: 07 nov. 2023.

Desse modo, a transformação linguística é uma característica intrínseca de todas as línguas, uma vez que, no decorrer do tempo, as línguas passam por modificações e variações em resposta às exigências comunicativas dos seus usuários. Assim, as línguas evoluem, tornando-se ferramentas essenciais para a comunicação, tanto na forma escrita quanto na oral.

3 FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA PENÍNSULA IBÉRICA

Anteriormente, abordamos a forma como a LL se desenvolveu na Península Itálica por meio das conquistas do Império Romano. Mas, antes da consolidação do Império Romano na Península Ibérica, os povos que habitavam a região possuíam uma variedade de línguas e culturas devido às diversas invasões que sofreram. Essas invasões, segundo Assis (s.d.), foram protagonizadas por povos como os iberos, celtas, fenícios, gregos e cartagineses, dentre outros. Ainda segundo Bortoni-Ricardo (2021, p. 26), as variações surgiram, porque:

Os falantes autóctones ibéricos exibiam diferentes graus de bilinguismo entre a língua do conquistador, que veio do Lácio, uma pequena região da Itália Central, banhada pelo rio Tibre, onde Roma foi fundada e evoluiu, tornando-se capital do Império Romano do Ocidente, e os dialetos locais, que são conhecidos como os substratos. Entre eles os falares dos celtas e dos iberos.

Os celtas invadiram a Península a partir do século VIII a.C. e com o tempo acabaram se misturando com os iberos, formando-se os celtiberos, por sua vez, os fenícios, gregos e cartagineses estabeleceram colônias comerciais em diferentes partes da península, apresentando diferentes graus de bilinguismo.

Os romanos estavam em constante busca por novas conquistas, um exemplo disso era a bacia do mar Mediterrâneo, porém, Cartago que comandava as rotas do mar Mediterrâneo impossibilitou os romanos e sua expansão, o que gerou fortes embates entre Roma e Cartago, denominada de guerras púnicas.

As guerras púnicas ocorreram entre 264 e 146 a.C., divididas em três conflitos, o primeiro conflito ocorreu entre 264 a 241 a.C., neste conflito Roma derrota Cartago, além de conquistar o território da Sicília. No segundo conflito que durou de 218 até 201 a.C., sob comando do general Aníbal Barca, a cidade de Sagunto (aliada de Roma) é atacada, mas, é somente em 201 a.C. que os romanos conseguem derrotá-los, e mesmo com a derrota dos cartagineses Roma se sentia ameaçada, o que motivou a terceira guerra púnica entre 149 a 146 a.C., levando os romanos a vitória definitiva sobre Cartago, e estabelecendo definitivamente o seu domínio no mar Mediterrâneo.

Segundo Assis (s.d.), os romanos passaram a invadir a Península no século III a.C., mas o domínio só é consolidado em 197 a.C. Os lusitanos, que são povos de origem Céltica, chefiados por Viriato, não aceitaram tão bem o domínio dos romanos, resistindo a chegada e o domínio dos romanos, porém, foi somente com o assassinato de Viriato em 140 a.C., que conseguiram prosseguir para o norte e expandir-se.

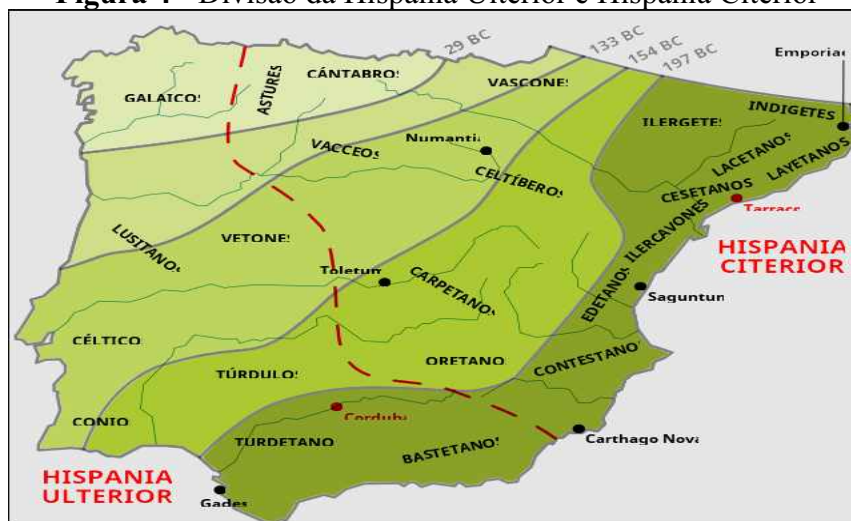
Apesar de os romanos encontrarem a Península com grande variedade étnica, eles implantam sua civilização no território, além disso, organizam o comércio, o serviço de correio, o serviço militar e a construção de escolas. O latim passa a não ser somente um idioma oficial, mas, um veículo de cultura avançada, desta forma, a Península Ibérica é completamente romanizada, como aborda Assis (s.d., p.116), pois:

Desta forma, a língua e os costumes romanos foram progressivamente assimilados, de maneira que a Península Ibérica chegou ao século V d.C. completamente romanizada, ou seja, politicamente pertencendo ao Império Romano e linguisticamente falando a língua de Roma – o latim.

Diante do pensamento da autora, vemos que quando os romanos passam a ter poder sobre a Península Ibérica, a sua forma de organização começa a ser adotada, desta forma, não somente os costumes são assimilados na Península Ibérica, mas o idioma também, já que o Latim passa a ser o idioma oficial, principalmente em transações comerciais. Desta maneira, no século V d.C. a região está completamente integrada ao Império Romano política e linguisticamente.

No século I a.C., momento em que a Península ainda passa pelo processo de expansão, acaba sendo dividida em duas províncias chamada de Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior (Figura 4). A Hispânia Ulterior sofre uma nova divisão em outras duas províncias a Bética e a Lusitânia, essa divisão das províncias tinha como objetivo a facilitação da administração do território, tendo em vista, sua extensão territorial.

Figura 4 - Divisão da Hispânia Ulterior e Hispânia Citerior



Fonte: Imagem Google (2023).⁵

⁵ Disponível em:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b5/Conquista_Hispânia_Simplificado.svg/640px-Conquista_Hispânia_Simplificado.svg.png. Acesso em: 07 nov. 2023.

No mapa a cima, é possível observar com detalhes como ficou dividida a Península, a Hispânia Citerior concentrada ao lado direito do mapa, que era próxima ao território Romano, é formada pela Tarraconense, que depois foi dividida em Galaecia, Tarraconense e Cartaginense, e dos povos que habitavam essa região como os Celtiberi, e os Galecci que resultaram o Catalão e o Espanhol. A segunda no lado esquerdo era formada pela Bética e pela Lusitânia, e era povoada pelos Verrones e pelos Lusitani, que acabaram gerando o Galego e o português.

No mapa a seguir (Figura 5), vemos o território ocupado pelos romanos durante seu percurso de expansão, chamado de România, em que era constituído de diversas províncias como Dácia, Gália, Itália e Hispânia, essas províncias foram adotadas na unidade imperial até o século V d.C.

Figura 5 - Mapa do Império romano e suas províncias



Fonte: Imagem Google (2023).⁶

Segundo Assis (s.d.), a romanização da Península Ibérica não aconteceu rapidamente, mas de forma gradativa. A LL, conforme ia sendo imposta, acabou resultando na interação das línguas nativas predominando a língua latina.

⁶ Disponível: <https://www.pinterest.pt/pin/494692340309835604/?send=true>. Acesso em: 07 nov. 2023.

Com a invasão dos árabes no século VIII d.C., os mouros como eram conhecidos, vindos do Norte da África, tentaram impor à Península a sua cultura, língua e religião completamente diferentes, o que proporcionou uma tolerância religiosa, mas que segundo Assis (s.d.) não impediu o desenvolvimento da ciência, das artes, das letras, filosofias, medicina, comércio, agricultura, entre outros.

Desde 711 todas as regiões que foram conquistadas pelos árabes adotaram a língua árabe como oficial, porém, mesmo sendo a língua do povo dominador, a sociedade também se utilizava do Latim em suas relações familiares, comerciais e religiosas. A partir do século IX, a Península começa a resistir ao domínio árabe, e logo após um longo período conseguiram pôr fim a este domínio, e foi sob o reinado dos reis católicos Fernando e Isabel, a partir do século X, que aconteceu a formação do reino de Portugal.

Segundo Assis (s.d.), foi em 718 nas Astúrias que o rei Visigodo deu início ao processo de Reconquista, quando derrotou o povo árabe também chamados de mulçumanos, desta forma, recuperaram os territórios dominados, e formaram os reinos de Leão, Castela e Aragão. Os árabes não somente perderam o domínio dos territórios, mas, pouco tempo depois foram expulsos, ou seja, o período dos árabes na região terminou em 1492.

Figura 6 - Mapa do processo de Reconquista



Fonte: Imagens *Google* (2023).⁷

No mapa acima, observamos como foi ocorrendo o processo de reconquista da Península Ibérica, nas cores verde, laranja e amarela, temos a conquista do território de Portugal que ocorreu entre 1128 e 1247; abaixo observamos o território de domínio dos muçulmanos, que aos poucos foram reconquistados, por meio dos reis cristãos, e acima os reinos que foram formados após a retomada do território, que são: Leão, Castela e Aragão.

Ainda segundo Assis (s.d.), havia dois nobres franceses, D. Raimundo e D. Henrique, que entraram na luta pelo domínio do território Ibérico, e pelos seus feitos foram recompensados. O rei de Leão e Castela concedeu a sua filha à D. Raimundo, além de ter sido nomeado a governador do Condado de Galiza. Já para D. Henrique também lhe foi concedido o cargo de governador do Condado Portucalense, além disso casou-se com sua outra filha, e dessa união nasceram quatro filhos, um deles chamado Afonso Henrique, que mais tarde se tornou o primeiro rei de Portugal.

D. Henrique morre quando Afonso Henrique tinha três anos de idade, porém, sua esposa assume a responsabilidade e controle do Condado, e alguns anos depois de viúva casa-se com o fidalgo D. Fernão Peres, que possuía a intenção de submeter ao controle da Galiza o Condado Portucalense.

Em 1128, Afonso Henrique luta contra as tropas de sua mãe, na conhecida batalha de São Mamede, desta forma, conquistou a independência do Condado Portucalense face à Galiza. E em 1139, depois que os mouros foram expulsos, D. Afonso Henrique, torna-se rei de Portugal.

Após essa batalha Portugal se separará definitivamente de Galiza, e permanecerá se expandindo através das guerras contra os árabes, ampliando-se para o sul, e conforme expandia-se, os territórios ocupados se tornavam habitados por colonos que traziam consigo o galego-português.

Os árabes e os germânicos, com as invasões à Península Ibérica, foram os responsáveis pela diversificação do Latim vulgar, pois conforme invadiam, incorporaram outras formas de falares, assim, a partir do século IX essas mudanças foram se acentuando e esses novos falares foram denominados de Romanços. É importante ressaltar que este período é caracterizado como o momento de transição entre o latim e as línguas românicas utilizadas na região, incluindo o português.

Segundo Assis (s.d., p.127) “o romanço galego-português, também conhecido como galaico-português ou português antigo, consolidou-se como língua falada e escrita da

⁷ Disponível em: https://www.ursula.com.br/arquivos/arquivo_1375099804.pdf. Acesso em: 07 nov. 2023.

Lusitânia”, essa consolidação do galego-português ocorreu conforme os cristãos avançaram para o sul, onde os dialetos do norte interagiram com os dialetos dos moçárabes do sul, proporcionando a diferenciação acentuada entre esses falares, o que depois tornou-se o galego-português e posteriormente o português.

No ano de 1185 com a independência de Portugal como mencionado anteriormente, surge a separação entre o galego e o português que passa a se efetivar com a expulsão dos mouros em 1249 e com a derrota dos castelhanos em 1385, onde o Galego é acolhido pelos castelhanos e em Portugal o português torna-se a língua oficial.

Por volta do século IX, os primeiros textos em português começam a surgir, através de documentos ou monumentos, esses textos surgem por volta do século XII, como exemplo temos o testamento de Afonso II (Figura 7), o primeiro documento escrito e datado no dia 27 de junho de 1214.

Figura 7 - Testamento de Afonso II



En'o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, tenõ te o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de mia molier raina dona Orraca e de me(us) filios e de me(us) uassalos e de todo meu reino fiz mia mãda p(er) q(ue) de/pos mia morte mia molier e me(us) filios e meu reino e me(us) uassalos e todas aq(ue)las cousas q(ue) De(us) mi deu en poder sten en paz e en folgãcia. P(ri)meiram(en)te mãdo q(ue) meu filio Infante don Sancho q(ue) ei da raina dona Orraca agia meu reino enteg(ra)m(en)te e en paz. E ssi este for/morto sen semmel, o maior filio q(ue) ouuer da raina dona Orraca agia o reino entegram(en)te e en paz. E ssi filio barõ nõ ouuermos, a maior filia q(ue) ouuermos agia'o ...

glossário

Teiõ te: temendo
Saude: salvação
Molier: (lat. *Muliere*) mulher
a proe: (lat. *prode*>*proe*) proveito

glossário

mãda: testamento
sten: (de *estare*>*stent*) estejam
folgãcia: (lat. *follicare*) descaro,
 tranquilidade
semel: (lat. *seminem*) semente,
 descendência

Este documento possui um valor não só histórico, mas também um valor linguístico, que nos permite entender, compreender e estudar a evolução da LP, conforme Assis (s.d.) destaca: “Como exemplos temos as palavras: *mãda* (mandamento), vem do verbo latino *mandare*, que significa recomendar, *Semmel* (descendentes), proveniente do latim *Semen*, significa geração, *Comenda*, é derivado do verbo latino *comandare*, que tem o sentido de proteção de uma pessoa”.

Como é possível observar, as características linguísticas da transformação do latim para o galego-português eram visíveis como destacadas pela autora através do testamento de Afonso II, como a palavra *mãda*, que significa mandamento no português atual, vinda do verbo latino *mandare*, que possui o significado de recomendar.

Já a escrita em poesia tem seu desenvolvimento no final do século XIII a meados do século XIV, sendo conservadas em compilações, neste período, dos trovadores várias coletâneas foram organizadas, porém, a mais importante desse período foi “*O Cancioneiro da ajuda*” (coletâneas de poemas medievais).

Um dos textos considerados mais antigos escritos em galego-português, foi a cantiga dedicada a D. Maria Pais Ribeiro, que tinha por título “*Ribeirinha*” (Figura 8), escrito por volta 1189 ou 1198, pertencente ao Cancioneiro da ajuda.

Figura 8 - Cantiga: Ribeirinha – Paio Soares de Taveiró.

<p>"No mundo nom me sei parelha, mentre me far' como me vai, ca ja moiro por vos - e ai mia senhor branca e vermelha, queredes que vos retraia quando vos eu vi em saia! Mao dia que me levantei, que vos enton nom vi feal "</p>	<p>Parelha: do latim <i>paricula</i> (coisa alguma, semelhante) Mentre: conj. temporal (enquanto) Ca: do latim <i>quia>ca</i>. Significa <i>porque</i>. Moiros: Depoente de <i>orio>moiro</i>; Mia: <i>mãa>minha</i> Queredes> <i>quereis</i>; Retraia: latim <i>retrahere>retrair</i>= retratar, recordar fea: do latim <i>foeda</i> não vi feia (Litote – Ele a viu linda)</p>
<p>"E, mia senhor, des aquel di', ai! me foi a mim muin mal, e vós, filha de don Paai Moniz, e ben vos semelha d'aver eu por vós guarvaia, pois eu, mia senhor, d'alfaia nunca de vós ouve nem ei valia d'ua correa".</p>	<p>Senhor: <i>senhora</i> Muin: do latim <i>multu>muito</i> E...semelha: O sentido é "e a vós bem vos parece" guarvaya: peça de vestuário, capa, manto. D'alfaia: do árabe: bens de valor. Aqui significa <i>devalioso</i>, de precioso Valia: <i>ua</i> Correa =sem valor</p>

Fonte: Assis (s/d, p. 129).

Como observado no testamento de D. Afonso II, a presente cantiga também nos mostra características linguísticas da transição entre o latim e o galego, principalmente, quando paramos para observar algumas palavras como: *parelha* (do latim *Paricula*), *Fea* (do latim *foeda*), *Muin* (do latim *Multu*), *Ca* (do latim *quia*).

Desta forma, podemos perceber que o galego-português não se difere das outras línguas neolatinas, pois sofreu influências de outros idiomas e de povos com culturas diferentes, que acabaram contribuindo para a evolução e consolidação da língua.

4 FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

No capítulo anterior, discorremos um pouco sobre a formação do reino de Portugal, e o nascimento do galego-português que se consolidou como língua falada e escrita, como contemplamos nos escritos.

Segundo Assis (s.d.), em 22 de abril de 1500, por meio de uma expedição comandada por Pedro Álvares Cabral os portugueses chegaram ao Brasil, e logo depois também vieram, contra suas vontades, os povos africanos, para serem escravos na nova terra, o que fez com que o rei D. Manuel se apoderasse da terra, iniciando a colonização por volta de 1532.

Inicialmente, principalmente a partir do século XVIII, os portugueses começaram a sua exploração. Essa exploração começou pelo pau Brasil, uma árvore muito valiosa devido à sua madeira vermelha, e com o passar do tempo avançaram descobrindo outros minérios como o ouro. E, nesse período, principalmente com a chegada dos jesuítas em 1549, que se inicia o processo de educação voltado basicamente para a catequização dos índios, para torná-los cristãos, onde era imposto a eles a doutrina católica cristã.

Além de, converter os povos indígenas ao cristianismo, seu objetivo não era somente difundir a fé católica, mas também introduzir formas de educação formal, ensinando não apenas a religião, mas também a língua, os costumes europeus e habilidades consideradas úteis para a sociedade da época.

A LP chega ao Brasil, no século XVI, e além da língua dos portugueses, havia uma diversidade linguística entre os nativos, como destaca Assis (s.d., p. 149) “[...] uma grande diversidade, algo em torno de 350 línguas diferentes”. Nesse sentido, para alcançar seus objetivos, os jesuítas realizam a gramatização do tupi, que se refere ao processo de documentação e descrição da língua tupi, para facilitar o contato linguístico entre os portugueses e os povos nativos, e para isso, elaboraram uma gramática denominada de gramática da língua geral.

Inicialmente, a língua geral e as línguas indígenas, além da LP conviveram conjuntamente nesse período, principalmente entre o século XVI e XVIII, e é desse processo de interação das línguas diversas que se formou a língua portuguesa no Brasil, o que fez com que se diferencie de maneira acentuada em relação ao português de Portugal.

Além disso, a LP só se torna a língua de uso oficial no Brasil, a partir de 1757 através da decisão do Marquês de Pombal, em que neste período estabeleceu que a língua a ser usada, principalmente na educação, seria a língua portuguesa, além disso outro ponto que vale destacar

é que o processo de educação que até então era predominantemente realizado pelos jesuítas passa a ser responsabilidade do estado.

O português foi conquistando espaço no Brasil e aos poucos foi se modificando através do contato com outras línguas, como mencionado anteriormente, ocorrendo diversas mudanças fonéticas. E, nesse sentido, mesmo o contato da LP com as línguas africanas indígenas o que prevaleceu na formação do léxico da LP foi a LL, visto que, predominantemente, o léxico da LP é de origem latina.

Contudo, mesmo com o longo percurso, e as diversas transformações a LP permanece modificando-se, para que possa atender a necessidade dos falantes, o que explica as inúmeras variações linguísticas existentes hoje, como destaca Bagno (2009, p. 41) “enquanto tiver gente falando uma língua, ela vai sofrer variação e mudança, incessantemente”.

Nessa perspectiva do autor, é inegável que o processo de evolução de uma língua é permanente, desde a sua origem até o momento atual, e que embora a mudança já tenha acontecido, esse processo continua a acontecer constantemente, visto que, a língua se modifica a partir do uso dos seus falantes, o que proporcionará as inúmeras variações existentes.

Nesse sentido, as variações linguísticas podem se apresentar através de modalidades diferentes como: variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésia, e ainda segundo Bortoni-Ricardo (2021, p. 38) essas variações ocorrem devido alguns fatores como “[...] mobilidade geográfica, o grau e a qualidade de instrução, a exposição aos meios de comunicação de massa, bem como de outras agências implementadora da língua urbana culta, além do gênero, grupo etário e mercado de trabalho do falante”.

Os presentes tipos abordados pela autora como mobilidade geográfica, grau de instrução, grupo etário, entre outros, são pontos determinantes para compreender em qual variação determinado indivíduo, ou grupo de indivíduos é pertencente. Ainda segundo a autora, o falante faz uso da variação para que possa ampliar a eficácia de seu discurso, também para marcar a sua identidade.

Ademais, a variação diastrática é a variação que corresponde às diferenças na língua, seja na forma oral ou escrita, resultantes dos grupos sociais, culturais ou regionais, por exemplo, indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais podem empregar vocabulário distinto para se referirem às mesmas coisas, ou as gerações mais jovens podem adotar gírias que não são comuns em grupos mais velhos.

Nessa perspectiva, Ilari e Basso (2021) enfatizam que a variação diamésica está associada ao uso de diferentes meios ou veículos, ou seja, se refere às diferenças na linguagem que ocorrem devido a diferentes situações de comunicação ou registros sociais. Isso significa

que as pessoas podem adaptar sua linguagem de diferentes maneiras dependendo da situação, do público-alvo e do propósito da comunicação, como no exemplo de uma situação cotidiana: “Na fala, as pessoas dizem coisas como ‘né’, ‘ocêis’, ‘disséro’, ‘téquinico’, pensando que dizem ‘não é’, ‘vocês’, ‘disseram’, ‘técnico’.” (Ilari e Basso, 2021, p. 181.).

Segundo a autora, a variação diacrônica é aquela que se dá através do tempo, e se pararmos para refletir todas as línguas estão sujeitas a esta variação, como observado nos dois primeiros capítulos apresentados neste trabalho, conforme o passar do tempo a língua vai se modificando.

A variação diacrônica pode ser dividida em duas histórias: a externa e a interna, a externa diz respeito à maneira como evoluem ao longo do tempo em suas funções sociais, e a variação interna são as mudanças que vão ocorrendo a partir dos aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos, e em seu léxico. Um bom exemplo da história externa é quando vimos um pouco sobre a formação da língua, o seu percurso da LL para a LP, quanto aos aspectos internos, essas mudanças se dão muito mais na oralidade do que na escrita.

Outro exemplo de variação diacrônica é a gramaticalização, o processo em que uma palavra sofre alterações fonéticas, ou seja, reduções em sua morfologia, no entanto além dessa mudança fonológica também à uma mudança de sentido, como expressa (Ilari e Basso, 2021, p. 153):

Um exemplo clássico de gramaticalização em português é a formação do pronome *você*: como todos sabem, essa palavra remonta a *Vossa Mercê*, via *Vosmecê*. Era, na origem, uma expressão de tratamento, como *Vossa Majestade* ou *Vossa Excelência*, hoje é um pronome pessoal, e nessa função suplantou o antigo pronome de segunda pessoa *tu* [...].

O exemplo da gramaticalização permite-nos compreender que a mudança que ocorreu em nosso léxico muitas das vezes só é percebida quando comparadas de acordo com o processo de evolução, como é o caso da formação do pronome *você*, que hoje é um pronome pessoal, mas a sua origem era uma expressão de tratamento, como *Vossa Majestade* ou *Vossa Excelência*.

A variação diatópica se refere às diferenças na língua que ocorrem devido a diferentes regiões geográficas e à influência das características regionais sobre a língua falada ou escrita, especialmente na oralidade. A variação diatópica pode incluir diferenças na pronúncia de palavras, no vocabulário utilizado e até mesmo em algumas estruturas gramaticais.

As pessoas de diferentes regiões podem ter maneiras distintas de pronunciar as mesmas palavras, além disso, há também outros aspectos que se referem à variação que é, por exemplo, o uso de palavras com sentidos diferentes, que também podem identificar um falante de uma

determinada região, como por exemplo: aipim, macaxeira. Essas variações podem ser bastante evidentes, como os diferentes sotaques regionais em um país, ou mais sutis, como o uso de palavras ou expressões locais.

Mas, embora tenhamos discorrido até aqui sobre quatro variações, as que mais se aplicam a este trabalho são as variações diacrônicas, e as variações diatópicas. Nesse sentido, para demonstrar como as variações históricas se deram a partir da língua, destacamos os metaplasmos, pois, apresentam elementos para justificar as variações.

4.1 METAPLASMOS

Como mencionado anteriormente, a língua passou por transformações ao longo do tempo, e no processo de mudança do latim ocorreram variações que são modificações que podem ser de ordem fonética, morfológica, sintática e semântica, no entanto, neste estudo nossa ênfase é em destacar as mudanças fonéticas.

Assim, nas transformações ocorridas do latim para a LP ocorreram vários metaplasmos, e estes se tornam os responsáveis pela construção de palavras do português brasileiro. E que, podem ocorrer de quatro tipos: Por acréscimo, por supressão, por transposição e por transformação.

Segundo Bagno (2007), metaplasmos por acréscimo acontecem por prótese, um acréscimo do segmento sonoro no início da palavra como: *stare* > *estar*; *spiritu* > *espírito*, na prótese há um caso especial chamado de aglutinação, nele é incorporado um artigo logo no início da palavra: *lacuna* > *alagoa*; *minacia* > *ameaça*. A prótese é constante na língua, principalmente nas variedades do português, um exemplo é quando as palavras são acrescidas pelo *a*-protético, como nos exemplos: *lembrar* > *alembrear*; *pois* > *apois*.

A epêntese, também é um tempo de acréscimo em que ocorre um segmento no meio da palavra como: *stella* > *estrela*; *humile* > *humilde*. Na LP ocorrem casos de epêntese, principalmente para recuperar o padrão silábico consoante + vogal, e nesse processo é comum a inserção do /i/ ou do /e/ depois da consoante, que se chama “muda”, temos exemplos disso na seguinte palavra: *advogado* > *ad[i]vogado* – *ad[e]vogado*.

Já a paragoge, é um acréscimo do segmento no final das palavras (Ex: *ante* > *antes*). No momento de aportuguesamento dos estrangeiros é muito comum o uso da paragoge para que algumas palavras não terminem em consoante como nos casos comuns de *club* > *clube*; *surf* > *surfe*; *chic* > *chique*.

Os metaplasmos por supressão, ocorrem em cinco modos: *aférese e deglutinação, síncope, apócope, crase, sinalefa*. A aférese é a supressão de um segmento sonoro no início da palavra (Ex: *acume > gume*), em caso de deglutinação há uma supressão de um a ou o inicial por confusão com o artigo (Ex: *abodega > bodega*). Algumas variedades do português da aférese ocorrem com frequência como: *imaginar > maginar; aguentar > guentar*.

Síncope é uma supressão de um segmento sonoro no meio da palavra como: *legale > leal; malu > mau*. Apócope é a supressão do segmento sonoro que ocorre no fim da palavra como em: *bêbado > bebo, male > mal*, além disso é muito difundido no português, em que ocorre a supressão da consoante /r/ no final da palavra, principalmente em infinitivos, por exemplo: *cantar > cantá; vender > vende*. Na crase tem-se a fusão de duas vogais iguais em um só (Ex: *cooperar > coperar, caatinga > catinga; álcool > alco*), já na sinalefa acontece a queda da vogal final de uma palavra como: *outra + hora > outrora*.

Os metaplasmos por transposição ocorrem por deslocamento de um segmento sonoro ou pelo deslocamento do acento do tônico da palavra, podendo ser por metátese e hipértese ou hiperbibasmo (sístole e diástole). A metátese é a transposição de um segmento sonoro na mesma sílaba: *semper > sempre*, já a transposição de um segmento sonoro de uma sílaba para outra, chama-se hipértese (Ex: *primariu > primairu > primeiro*).

O hiperbibasmo é o deslocamento do acento tônico, quando o acento recua para a sílaba anterior é chamado de sístole (Ex: *pantânu > pântano; idólu > ídolo*), mas, quando o acento recua para a sílaba posterior, é chamado de diástole, (Ex: *limite > limíte; océanu > oceano*).

Os metaplasmos por transformação são de diversos tipos, o primeiro é por meio da vocalização, que trata da transformação de uma consoante em vogal (Ex: *nocte > noite; factu > feito*), também há a transformação de uma vogal em consoante, que é denominado de consonantização (Ex: *uaca > vaca; uita > vida*).

Na nasalização a transformação é por meio de um segmento oral em nasal, que ocorreu em muitas palavras em latim: *exame > enxame; exagiui > ensaio*, e permanece nos dias de hoje por meio dos indivíduos: *exigente como “inzigenti”, exame como “inzami”*. Já a desnasalização é o contrário, ou seja, do segmento nasal para o oral: *persona > pessoa > pessoa*.

A sonorização ocorre quando uma consoante surda se transforma em sonora homorgânica (Ex: *acutu > agudo*). A palatização é a transformação de um ou mais segmentos em uma consoante palatal (que são resultado de transformações, pois não existiam consoantes palatais no latim), como no exemplo de Bagno (2007):

Figura 9 - Exemplo de Palatização

[ne, ni] + vogal > / / (grafada **NH**): *vinea* > *vinha*
aranea > *aranha*
seniore > *senhor*
iuniu > *junho*

[le, li] + vogal > /λ/ (grafada **LH**): *palea* > *palha*
folia > *folha*
juliu > *julho*
filiu > *filho*

[de, di] + vogal > / / (grafada **J**): *video* > *vejo*
hodie > *hoje*
invidia > *inveja*
adiutare > *ajudar*

[pl, kl, fl] > /t / (grafada **CH**): *pluvia* > *chuva*
 pronúncia atual: / / *implere* > *encher*
clave > *chave*
flamma > *chama*
inflare > *inchar*
plumbu > *chumbo*

[kl, pl, gl, tl] mediais
 > /λ/ (grafada **LH**): *oculu* > *oclu* > *olho*
apicula > *apecla* > *abelha*
scopulu > *scoplo* > *escolho*
tegula > *teglu* > *telha*
vetulu > *vetlu* > *velho*

[ske, ski, se, si] > / / (grafada **X**): *pisce* > *peixe*
passione > *paixão*
miscere > *mexer*
russeu > *roxo*

[si] + vogal > / / (grafada **J**): *basium* > *beijo*
caseum > *queijo*
cerevisia > *cerveja*
ecclesia > *igreja*

Nos exemplos de palatalização acima, temos o exemplo de *vinha*, em que ocorreu transformação de um ou mais segmentos em uma consoante palatal, tornando-se *vinha*, e o mesmo acontece com *clave*, tornando-se *chave*, e outros. Na assimilação, a mudança acontece de um segmento sonoro que é igual ou parecido a algum existente na palavra e podem ocorrer de três modos, total, parcial, progressiva e regressiva.

Na assimilação total o som assimilado se iguala ao som assimilador (Ex: *persona > pessoa*, *mirabilia > maravilha*), já a assimilação parcial é quando apenas se assemelha ao assimilador como em *auru > ouro*, *paucu > pouco*. O som assimilador antes do assimilado é o progressivo como: *amam-lo > amam-no*, o que se difere da assimilação regressiva, em que o som assimilador vem depois do assimilado, ex: *captare > cattar > catar*.

A dissimilação é quando ocorre uma diferenciação no segmento sonoro devido em grande parte das vezes à existência de outro igual ou semelhante na palavra: *rotundo > rodondo > redondo*. Em alguns casos a dissimilação pode resultar na supressão de um segmento (Ex: *rostru > rosto*).

E por último, nos metaplasmos por transformação também ocorrem por apofonia e metafofia. Apofonia é quando ocorre a mudança de timbre de uma vogal por influência de um prefixo, ex: *sub + jactu > sujeito*, e a metafofia é quando ocorre a mudança do timbre de uma vogal por influência do timbre da vogal ou da semivogal, ex: *totu > tudo*, *feci > fizi > fiz*.

5 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE VARIAÇÃO LEXICAL

Neste último capítulo, refletiremos a respeito de algumas variações do nosso léxico a partir dos metaplasmos, discorrendo sobre a mudança da língua e a questão de certo e errado. Como dito anteriormente, a LP é proveniente do latim e que, conforme se relacionava com diferentes povos e culturas, iam diversificando-se até que se consolidou na LP falada e utilizada por nós.

O processo evolutivo da LP foi marcado por variações, como por exemplo, a variação diacrônica. Nos primeiros capítulos, destacamos que conforme os romanos expandiram seu império o latim em contato com outras línguas se diversificou, e a LP tornou-se resultado dessa diversificação. Este percurso histórico contribuiu para que a língua evoluísse, atendendo a necessidade da época e dos falantes, formando assim a variação diacrônica.

Conhecer o contexto histórico da LP e as mudanças que a língua sofreu, permite compreender a razão de muitas palavras do nosso léxico, inclusive palavras que muitas das vezes são consideradas “erros”, como afirma Bagno (2009, p. 43).

Por isso é que digo e repito: nada na língua é por acaso. Quando as pessoas sem conhecimento específico dos processos de mudança falam de “erro”, na verdade o que elas estão chamando de “erro” é algum fenômeno de transformação pela qual a língua está passando. Uma transformação que nada tem de fortuito, de casual, nem de aleatório. E que é fruto, insisto, da ação dos próprios falantes sobre a língua.

O autor permite-nos entender que a língua sempre passa por transformações, e que nenhuma dessas transformações é por acaso, mas são frutos do uso constante dos falantes, devido às suas necessidades de comunicação.

Nas regiões geográficas, existem variações onde é possível ver que, em cada região há uma forma de falar, neste caso, o indivíduo se adequa à situação, posição social, ou grau de escolaridade a qual pertence. Essas variações segundo Bortoni-Ricardo (2021, p. 58) servem para “[...] ampliar a eficácia de suas contribuições em uma conversa ou em um discurso individual e, principalmente, para marcar sua identidade (“Eu falo assim porque sou da região X; da cidade Y etc.”)”.

Vejamos, diferenciamos um paulista de um paraibano, por meio do seu sotaque. Sotaque que segundo Bagno (2015) corresponde por acento em outras línguas, e a palavra “acento” deriva do latim *accentu-e*, resultante da preposição *ad* e da palavra *cantu* – (‘canto’), ou seja, o

acento é a “[...] maneira como cada falante “canta” a sua língua, de acordo com a “melodia” própria de sua região, de sua classe social ou de sua etnia” (Bagno, 2015, p. 276).

Desta maneira, aquilo que costumamos chamar de “chiado”, na verdade é o sotaque do paulista, a forma de cantar a sua língua de acordo com a sua região, desta forma, a diferença é notória, porque o paulista “chia” e o paraibano não, o que deixa claro quando um indivíduo não nasceu naquela determinada região.

Um exemplo de palatalização, e a palavra: dia > /djia/, em que os falantes da região sudeste palatalizam o /d/, e quando ocorre uma pronúncia não palatalizada remete imediatamente aos falares nordestinos. Vale ressaltar que esta palatalização só ocorre diante do “di” e “ti”, como é o caso também da palavra: tia > /tjia/, que houve a palatalização do “t”. Palavras que não possuem “di” e “ti”, acabam não se utilizando desta palatalização como por exemplo: data, todo, dourado, também.

A forma como os paulistas e os nordestinos falam geram muitos questionamentos como “qual seria a forma correta de falar?”, ou muitos posicionamentos de que “a forma como tal pessoa fala é errado!”, ambos acontecem tanto para o paraibano como para o paulista, e isto parte de uma experiência pessoal, nasci na cidade de São Paulo, sou paulista, e com meus 12 anos me mudei para o sertão paraibano, e pude sentir o peso de como “a forma que eu falava era errada”.

Por meio da pressão, inclusive dos meus professores sobre o meu sotaque, resolvi mudar e aprender o sotaque paraibano. E não foi algo que paulatinamente fui me adaptando, eu realmente me posicionei e decidi aprender. Alguns anos depois pude perceber que a mesma situação acontece com os paraibanos ao chegarem à cidade de São Paulo, ou seja, o preconceito linguístico existe não importa a localidade.

Um dos pontos importantes aqui, em que é preciso destacar, é que não se trata somente de aspectos fonéticos diferentes, mas, que também podem acontecer diferenças do ponto de vista lexical em que é possível observar a diferença em palavras que muitas vezes são tidas como erradas.

Observemos um exemplo interessante, no meio paraibano é muito comum ouvir a palavra “*fruta*” com o ditongo *ui*, a quem diga que somente os mais velhos fazem uso dela, porém, já pude presenciar até nos mais novos.

A pergunta é: a pronúncia “*fruta*” é errada? O correto seria *fruta* ou *fruta*? Qual a palavra certa? O primeiro instinto é dizer que o certo seria “fruta”, porém, para tal afirmação é preciso conhecer o processo histórico da palavra, a palavra “fruta” é facilmente encontrada em vários textos escritos em Portugal há cerca de quinhentos anos atrás.

Por ser uma palavra antiga, podemos ver que a palavra “fruta” é derivada da palavra “fructos” em latim, e o “i” de “fruta” se justifica no processo de vocalização do “c” para o “i”. Vejamos que o mesmo também acontece com a palavra “nocte > noite” e “pecto>peito”, desta forma, justifica o porquê que não somente os mais velhos, mas os mais novos também fazem uso desta vocalização.

Assim, conhecendo a evolução histórica da palavra, podemos perceber que tanto *fruita* como *fruta* estão corretos, e não se trata de erro ou acerto, mas, de compreender que a opção correta com o passar do tempo já não será mais a opção correta. Com o decorrer do tempo a língua avança, a mudança acontece, e o que era certo será desafiado por outra nova inovação.

Ainda segundo Bagno (2009, p. 41) no que diz respeito à língua, ele declara que “por mais que pareça óbvio, vale a pena repetir: *toda língua muda com o tempo*”, chega a parecer óbvio, porém, precisa estar fixada em nossa mente essa mudança, principalmente porque as transformações do latim são os responsáveis pela formação do léxico português, o que denominamos de metaplasmos.

Como dito anteriormente, os metaplasmos são as mudanças que acontecem na estrutura da palavra, e que pode ser por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons, o que veremos com mais detalhes com exemplos cotidianos do paraibano nordestino e do paulista da região metropolitana.

Vejamos alguns exemplos de palavras conhecidas, pronunciadas de formas diferentes. Bagno (2007) faz menção de algumas palavras, que são comuns em nosso cotidiano, no estado da Paraíba, por exemplo, é muito comum se ouvir a palavra “avoar” ou até mesmo “alembiar”, sabendo que outros falantes, principalmente os paulistas conforme a minha experiência, se utilizam de “voar” e “lembrar”.

Observe que ambas as palavras possuem o mesmo significado, mas, são pronunciadas de formas diferentes em duas regiões, e a questão de certo e errado permanece, será que uma delas está errada? A resposta para esse questionamento, encontramos por meio dos metaplasmos por acréscimo.

Nas palavras “avoar” e “alembiar” em que, já pude contemplar aqui no Nordeste, principalmente por parte dos mais velhos, tratam-se de um metaplasmo por acréscimo que é a prótese, ou seja, a palavra “*avoar*” e “*alembiar*” possui acréscimo de um segmento sonoro no início da palavra, marcado pelo “a”. Enquanto em uma variação acontece o acréscimo, na outra não acontecerá, como: *voar* e *lembrar*, porém, nenhuma pode ser considerada erro, pois justifica-se em seu acréscimo.

Existem outras palavras bem comuns que também são utilizadas por ambas as partes, e que algumas vezes não detectamos durante a fala, devido a familiaridade, como é o caso de: *pneu e adaptação*. Na palavra *pneu* é muito comum acontecer o acréscimo de epêntese, em que escutaremos *p[i]neu* ou *p[e]neu*, nesse caso este acréscimo é um segmento sonoro no meio da palavra, marcado pelo “i” e o “e”, o mesmo acontece com *adaptar* – *adaptação*, na pronúncia da palavra fazemos o acréscimo do “i”, *adap[i]tar*.

Um outro exemplo de epêntese, e que desta vez ocorre a variação de acordo com a região, é na palavra *glória*, em que é mais comum se ouvir *gulória* no Nordeste do que no Sudeste, o que não pode ser considerado erro, pois o atual termo “glória” visto que o processo de transformação acrescenta segmento sonoro no meio da palavra o “u” tornando-se “*gulória*”. Assim, é perfeitamente comum ouvir principalmente dos mais velhos, chamar alguém de “Chico *Gulória*”, ou em um momento religioso ouvir a palavra “*gulória*” para a exaltação.

Ainda existem palavras que passaram pelo processo de transposição, como nos exemplos de: *tábua* e *vidro*, neles grande parte das vezes ocorre o processo de transposição, por metátese, o deslocamento de um segmento sonoro na mesma sílaba “*tábua*” o “u” se desloca para antes do “b”, formando a palavra “*táuba*”; já a hipértese é o processo que acontece com “*vidro*”, em que ocorre o deslocamento de segmento sonoro de uma sílaba para a outra do “r” para antes do “i”, formando “*vrido*”.

Por muita das vezes escutamos e corrigimos essas palavras como se nunca tivessem existido ou como se fossem erros de pronúncia, porém compreendendo a transformação que aconteceu por meio dos metaplasmos, é possível entender quem um dia “*táuba*” ou “*vrido*”, foi uma opção correta.

São infinitudes de transformações que a língua sofreu para que chegasse ao Português atual, e muitas dessas variações partem principalmente do processo de assimilação, como em: *pouco* e *cheiro*, onde os ditongos “ou” e “ei” se reduziram por assimilação a [o] e [e], ficando *p[o]co* e *ch[e]ro*.

E o mesmo processo acontece com outros exemplos nordestinos como em “*sodade*” (*saudade*), “*omento*” (*aumento*), “*orélio*” (*Aurélio*), em que o ditongo “au” se reduz a [o]. Como vimos nos exemplos anteriores, as palavras que soam estranhas e diferentes, do que estamos acostumados, consideramos erros, porém, na verdade trata-se apenas de processos de transformação antigos que ocorreram e que os falantes levaram adiante.

A mudança linguística como destaca Bagno (2009) não ocorre de imediato dentro de uma mesma comunidade, uma parte dos falantes adota rapidamente, já outra parte conserva por

determinado tempo a forma antiga, até que surja uma norma tendência, e a atual se torne a antiga.

5.1 ENSINO CONTEXTUALIZADO DE LÍNGUA PORTUGUESA

No que se refere à LP, reconhecemos que as pessoas se expressam de diferentes maneiras, de acordo com fatores culturais, regionais, sociais e históricos, como já mencionado anteriormente. Esta forma de expressão é o que conhecemos e chamamos de variação linguística.

No que diz respeito ao ensino de língua portuguesa, é necessário “Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.” (BRASIL, 2018, p.65), assim, a compreensão das linguagens como uma construção humana é moldada por diversos fatores, como a história, a sociedade e a cultura e por isso devem ser respeitadas.

Compreender as linguagens na construção humana, refere-se ao fato de que as linguagens são algo fixo, e são capacidades desenvolvidas pelos seres humanos ao longo do tempo. E esse desenvolvimento, ao longo do tempo, mostra uma evolução histórica que reflete mudanças, influências e desenvolvimentos moldadas pelas normas sociais, e valores culturais da comunidade.

A língua em constante evolução, adapta-se às novas formas de expressão e necessidade dos usuários, assim, torna-se importante reconhecer e valorizar as diferentes formas de linguagem presentes na sociedade e por isso a escola possui um papel importante nesse processo, pois “[...] como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades.” (BRASIL, 2018, p.14), assim, temos a escola como ambiente responsável em moldar um espaço respeitoso às diferenças linguísticas, desconstruindo qualquer tipo de preconceito.

E, apesar de ainda existirem muitas escolas em que o ensino de LP continua sendo pautado no ensino de gramática normativa, pautada em regras gramaticais, que acabam taxando a variação linguística como erro, vale ressaltar que ainda existem formas de desconstruir esses discursos, como afirma Bagno (2015, p. 281),

Na prática pedagógica, é muito importante que a(o) docente esteja atenta(o) aos mecanismos de discriminação que podem ser ativados com base nos sotaques de seus alunos. Principalmente quando a sala de aula é mais homogênea, com alunos nascidos num mesmo lugar, é muito comum ocorrer atitudes de zombaria diante de alunos provenientes de outras regiões. Uma escola democrática e democratizadora tem de respeitar a diversidade linguística e impor esse respeito na formação de seus alunos.

Segundo o autor, o primeiro passo deve partir do(a) docente, visto que deve estar atento às discriminações que existam em sala de aula, e trabalhar para desconstrução desses discursos, e para isso é necessário o diálogo, o respeito à diversidade linguística, em sala de aula, além disso, algumas outras abordagens tornam-se necessárias, como: a exploração da variação linguística dentro de um contexto histórico, onde será examinado como as mudanças linguísticas ocorreram ao longo do tempo e como diferentes regiões do Brasil têm suas próprias características linguísticas.

Uma análise feita a partir de um léxico, embora reduzida, pode ser suficiente para exemplificar as diferentes variantes da língua, que podem estar presentes em sala de aula e que são decorrentes de processos históricos e diatópicos, assim essa abordagem poderá contribuir para a promoção da igualdade e inclusão, permitindo que os estudantes compreendam e respeitem as diferentes manifestações linguísticas.

Sabemos que a compreensão e o respeito pela diversidade linguística são essenciais para a formação de cidadãos conscientes e críticos, capazes de se comunicar de forma eficaz em uma sociedade plural. Portanto, os educadores desempenham um papel crucial ao aplicar esses princípios em sua prática pedagógica, tendo em vista que não se trata somente de ensinar que existem variações linguísticas, mas que é importante mostrar dentro do contexto histórico as razões pelas quais elas existem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado, observamos as mudanças que a língua latina percorreu até chegar à LP, também compreendemos que a variação linguística é um fenômeno natural da língua, que está presente na língua há muito tempo, e que continua se fazendo presente.

E, por meio dos metaplasmos, podemos compreender como ocorreu o processo de transformação e de evolução linguística do latim para o português, tendo em vista que já destacamos a importância da LL na formação do nosso léxico, que contribuiu de maneira significativa.

Assim, existe a necessidade de estudar a evolução histórica da língua a partir da LL, para que haja uma compreensão de como ocorreu a construção do léxico português, e, assim, possibilitar que os alunos não somente conheçam as diferenças no vocabulário, mas também respeitem as diversas formas de falares, já que existem explicações para algumas pronúncias serem distintas das outras.

Ao realizar a análise de algumas variações por meio dos metaplasmos, ficaram constatados os fatores que influenciaram certas variações, como por exemplo, o tempo. Variações tais, muitas vezes, são julgadas como “erro”, por soarem estranhas aos ouvidos daqueles que julgam falar “corretamente”.

Desta forma, a presente pesquisa buscou explicar que existem motivos plausíveis para determinadas pronúncias e que aquilo que muito tem sido considerado “erro”, são transformações que a língua sofreu, e que muitas dessas transformações permaneceram no vocabulário de alguns falantes. Como afirma Bagno (2009), aquela opção que hoje é considerada correta só permanecerá enquanto não for desafiada por uma nova opção, também considerada “correta”.

Além disso, propomos uma nova visão sobre a variação linguística para uma possível diminuição do preconceito linguístico que, infelizmente, ainda existe em nosso meio, bem como também em sala de aula. O conceito de certo e de errado necessita ser reavaliado em sala de aula, para que os futuros cidadãos possam ser críticos, e acima de tudo, respeitosos com relação às diferentes pronúncias. Diante disso, consideramos que essa pesquisa contribui para que os professores de LP tenham conhecimento sobre a importância de se trabalhar as variações linguísticas partindo do percurso histórico evolutivo da língua até a formação da LP.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Maria Cristina. **História da língua portuguesa**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6963916-Historia-da-lingua-portuguesa.html>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- BAGNO, Marcos. **Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Não errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. 2. ed., v. 3 rev. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. rev. e amp. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Português brasileiro: a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2021.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2018.
- COUTINHO, I. S. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1976.
- GONÇALVES, Rodrigo Tadeu; BASSO, Renato Miguel. **História da língua**. Florianópolis: UFSC, 2010.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**, 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.
- RODRIGUES, M. L.; LIMENA, M. M. C. (Orgs.). **Metodologias Multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livros Editora, 2006.